

# a revelação

legado do coração de dragão | livro dois

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para Laura e JoAnne,  
as minhas meninas inteligentes*



PRIMEIRA PARTE

◄ O REGRESSO ►

*Se com a minha vida ou a minha morte eu puder proteger-te,  
fá-lo-ei.*

— J.R.R. Tolkien





## PRÓLOGO



**A**ntigamente, os mundos dos deuses, dos homens e dos feéricos coexistiam. Conviviam livremente em tempos de paz, de guerra, de abundância e de perda.

À medida que a roda do tempo girava, foi surgindo quem trocasse os deuses antigos pelos deuses da ganância, pela avidez de dominar terra e mar, pela glória de alcançar o que alguns consideravam progresso.

No esterqueiro de ganância, avidez e glória, brotaram o medo e o ódio. Alguns deuses enfureceram-se com a falta de respeito e de homenagem, e uns quantos transformaram essa fúria num insaciável desejo de posse e destruição. A maioria, mais sábia e moderada, considerava que a roda do tempo girava como devia e expulsou os que usavam os seus grandes poderes para assassinar e escravizar.

Enquanto os mundos dos homens convertiam os deuses em objetos de mito, os que se autointitulavam sagrados perseguiram aqueles que escolhiam venerar à moda antiga. Tais atos, outrora tão comuns como flores silvestres num prado, eram punidos com tortura e uma morte cruel.

O medo e o ódio não tardaram em apontar os seus frágeis dedos aos seres feéricos. Os sábios, em tempos reverenciados pelos seus poderes, passaram a ser vistos como criaturas do mal, assim como os *sidhe*, que não mais se atreveram a abrir as suas asas por receio das flechas dos caçadores. Os transformos passaram a ser vistos como monstros malditos que devoravam carne humana, e os seres do mar como sereias que atraíam simples marinheiros para a sua morte.

Com o medo e o ódio, as perseguições alastraram-se pelos mundos, opondo homem contra homem, feérico contra feérico e homem contra feérico, numa época sangrenta e brutal alimentada por aqueles que alegavam pisar solo sagrado.

E assim surgiu, no mundo de Talamh e noutros, um momento de escolha. O líder de Talamh apresentou a todas as tribos de feéricos as seguintes opções: abandonarem os costumes antigos e seguirem as regras e as leis dos homens, ou preservarem as suas leis e a sua magia isolando-se dos outros mundos.

Os feéricos escolheram a magia.

No final, depois dos longos e probos debates que tais assuntos exigiam, o *taoiseach* e o conselho chegaram a um acordo. Novas leis foram escritas. Todos eram encorajados a viajar para outros mundos, a aprender com eles, a experimentá-los. Os que decidissem viver fora de Talamh teriam de obedecer às leis desse mundo e a uma lei inviolável de Talamh: a magia não poderia nunca ser usada para fazer mal a outrem, a não ser para salvar uma vida. E, mesmo nesse caso, era obrigatório o regresso a Talamh para ajuizamento da justiça de tal ato.

E assim, geração após geração, Talamh conseguiu manter a paz dentro das suas fronteiras. Alguns partiam para outros mundos; outros traziam companheiros desses mundos para se instalarem em Talamh. Os cultivos cresciam em campos verdes, os *trolls* minavam as grutas profundas, os animais andavam pelos bosques e as duas luas brilhavam sobre as montanhas e os mares.

Mas mundos assim tão pacíficos, de terras verdes e férteis, semeiam cobiça em corações obscuros. Com o tempo, um deus desterrado, com sede de vingança, conseguiu atravessar mundos e entrar em Talamh. Conquistou o coração da jovem *taoiseach*, que o via como ele queria que o visse: bonito, bom e carinhoso.

Conceberam um filho, pois era o filho que ele queria. Um filho em cujas veias corresse o sangue da *taoiseach* — uma sábia descendente dos *sidhe* — e o seu, o sangue de um deus.

Todas as noites, enquanto a mãe dormia um sono encantado, o deus obscuro bebia poder do bebé, devorando-o para fazer crescer o seu. Mas a mãe acordou e viu quem o deus era de verdade. Salvou o filho e liderou Talamh numa grande batalha para expulsar o deus caído.

Feito isto, e depois de os portais terem sido encantados para impedir a sua entrada e a de quem o seguisse, ela entregou o seu bastão e devolveu a espada de *taoiseach* ao Lago da Verdade para que outro a erguesse, para que outro liderasse.

Criou o seu filho e, quando chegou a hora, como estava destinado, ele tirou a espada das águas do lago para ocupar o seu lugar como líder dos feéricos.

E, como líder sábio que era, manteve a paz estação após estação, ano após ano. Durante as suas viagens conheceu uma mulher humana e os dois apaixonaram-se. Ele levou-a para o seu mundo, para a sua gente, para a quinta que era sua e da mãe, que estava na família há gerações.

Eram felizes os dois; uma felicidade que cresceu quando tiveram uma filha. Durante três anos, a criança não conheceu outra coisa senão amor, magia e a paz que o pai mantinha com a mesma firmeza com que lhe segurava na mão.

A menina era uma verdadeira preciosidade, pois não se conhecia mais ninguém com sangue dos sábios, dos *sidhe*, dos deuses e dos humanos.

O deus obscuro foi buscá-la, usando os desvirtuados poderes de uma bruxa para romper o portal. Ele prendeu-a numa jaula de vidro, nas profundezas das águas verde-pálidas do rio, onde pretendia mantê-la enquanto os seus poderes cresciam mais um pouco. Desta vez não teria de bebericar poder de um bebé, mas bebê-lo-ia de um gole quando estivesse maduro.

Mas a menina já detinha mais poder do que ele pensava. Mais do que ela própria sabia. Os seus gritos atravessaram o portal e chegaram a Talamh. A sua raiva rompeu o vidro conjurado e repeliu o deus no preciso momento em que os feéricos, liderados pelo seu pai e pela avó, deram início à batalha.

Mesmo com a criança a salvo, o castelo do deus destruído e as proteções do portal reforçadas, a mãe da menina não conseguia ter descanso. Exigiu que regressassem ao mundo dos homens, sem a magia que agora considerava malvada, e que aí mantivessem a filha sem memória do mundo em que havia nascido.

Dividido entre amor e dever, o *taoiseach* decidiu viver nos dois mundos, criando o melhor lar possível para a filha e regressando a Talamh para liderar e assim manter o seu mundo e a sua filha em segurança.

O casamento não conseguiu sobreviver a isto e, com o passar do tempo, nem o *taoiseach* sobreviveu à batalha seguinte, assassinado pelo próprio pai.

Enquanto a menina crescia, acreditando que o pai a abandonara e alheia ao que tinha dentro de si, educada por uma mãe cujo medo a impelia a destruir a autoestima da filha, um jovem emergia com a espada do lago.

E assim, nos seus respetivos mundos, a menina tornava-se mulher e o rapaz, homem. Ela, infeliz, fazia o que lhe mandavam. Ele, determinado, mantinha a paz. O povo de Talamh aguardava, sabendo que o deus ameaçava todos os mundos. Que voltaria a procurar o sangue do seu sangue e que chegaria o dia em que os talameses já não poderiam detê-lo.

Ela, que era a ponte entre os mundos, tinha de voltar e despertar, tinha

de se transformar e escolher dar tudo, arriscar tudo, para ajudar a destruir o deus.

Quando chegou a Talamh, alheia a tudo o que acontecera antes, começava a conhecer-se a si mesma. Ali, orientada pelo bom coração da avó, aprendeu, sofreu, aceitou.

E despertou.

Tal como o pai, tinha amor e dever em dois mundos. Esse amor e esse dever levaram-na de volta ao mundo onde havia sido criada, mas com a promessa de regressar.

De coração destrozado, preparou-se para abandonar o que conhecia e arriscar tudo o que era. Na corda bamba, com o *taoiseach* e Talamh à espera, partilhou tudo com o seu irmão de coração, um amigo inigualável.

Quando ela avançou para o portal, ele, leal como sempre, saltou com ela.

Dividida entre mundos, entre amores e entre deveres, iniciou o seu processo de revelação.



## CAPÍTULO ÚM



Com o vento a soprar violentamente no portal, Breen sentiu a mão de Marco começar a escapar-lhe. Ela não conseguia ver, pois a luz havia-se tornado ofuscante. Também não conseguia ouvir por causa do rugido do vento.

Como que arremessada pela ventania, começou a rodopiar, com a mão de Keegan firmemente agarrada à sua e os seus dedos tentando aferrar-se desesperadamente à mão de Marco.

Então, de repente, caiu. O ar ficou frio e húmido, a luz apagou-se e o vento extinguiu-se.

Breen aterrou com força suficiente para chocalhar o esqueleto. Deu-se conta de que estava numa estrada de terra, molhada pela chuva suave que ainda caía. E sentiu o cheiro de Talamh.

Ofegante, rolou para se acocorar junto a Marco. Ele estava esparramado, frouxo e imóvel, com olhos esbugalhados e em choque.

— Estás bem? Deixa-me ver. Marco, seu idiota! — Passou as mãos por cima dele em busca de lesões. — Não há nada partido.

Acariciou o rosto de Marco enquanto virava abruptamente a cabeça para se dirigir rispidamente a Keegan.

— Que diabo foi aquilo? Nem da primeira vez que atravessei foi assim. Ele passou as mãos pelos cabelos.

— Não estava a contar com o passageiro extra. Nem com a tua maldita bagagem. Mas consegui trazer-nos até aqui, não consegui?

— Que merda foi esta?

Quando Marco começou a mexer-se, ela virou-se para ele.

— Não tentes levantar-te ainda. Vais sentir-se zozzo e fraco, mas estás bem.

Ele limitou-se a olhar fixamente para ela, de olhos castanhos esbugalhados e vítreos com o choque.

— Esta loucura toda também te transformou em médica?

— Não exatamente. Recupera o fôlego. Que diabo fazemos agora? — perguntou asperamente a Keegan.

— Para começar, saímos da porra da chuva. — Levantou-se; um homem alto e irritado, de cabelos escuros encaracolados com a humidade. — A minha intenção era trazer-nos até ao pátio dianteiro da quinta. — Apontou. — E não falhei por muito, tendo em conta aquilo que trouxemos connosco.

Breen viu então a silhueta da casa de pedra, a poucos metros de distância do outro lado da estrada.

— O Marco não é uma coisa.

Keegan aproximou-se a passos largos e agachou-se.

— Muito bem, irmão, senta-te. Tem calma.

— O meu portátil! — Quando Breen o viu na estrada, levantou-se abruptamente e correu para ir buscar a maleta.

— Bem, ela tem as suas prioridades.

Na estrada, debaixo da chuva, ela apertou a maleta contra o peito.

— Isto é tão importante para mim como a tua espada é para ti.

— Se ficou danificado, tu conserta-lo. Assim mesmo, — disse a Marco, — com calma.

O modo como Keegan falava com Marco — calma e suavemente — lembrou a Breen que ele podia ser gentil. Quando queria.

Colocou a maleta a tiracolo e voltou rapidamente para junto deles.

— Vais sentir-te zozno e esquisito. Na primeira vez que atravesses, desmaiei.

— Os gajos não desmaiam. — Mas, quando sentiu a cabeça a andar à roda, Marco baixou-a entre os joelhos. — Podemos perder os sentidos, ficarmos *knockout*, mas não desmaiamos.

— Assim mesmo — disse Keegan alegremente. — Vamos lá levantar-te. Dava-nos jeito uma ajudinha, Breen.

— Deixa-me só ir buscar a minha mala de viagem.

— Céus, as mulheres! — Keegan estendeu uma mão e a mala desapareceu.

— Para onde foi? — perguntou Marco com a voz entrecortada, revirando os olhos. — Para onde foi?

— Não te preocupes, está tudo bem. Vamos, levanta-te. Apoia-te em mim e levamos-te até lá.

— Não consigo sentir os joelhos. Estão aqui?

— No seu devido lugar.

Breen aproximou-se para abraçar Marco do outro lado.

— Está tudo bem. Tu estás bem. Não é longe, vê? Vamos para ali.

Ele conseguiu dar alguns passos trémulos.

— Os homens não desmaiam, mas vomitam. Acho que vou vomitar.

Breen encostou uma mão ao estômago dele e extraiu parte das náuseas. Isso deixou-a um tanto enjoada, mas disse para si mesma que seria capaz de suportar.

— Melhor?

— Acho que sim. Creio que estou a ter um sonho mesmo muito esquisito. A Breen tem sonhos esquisitos — disse ele a Keegan numa voz que parecia um pouco embriagada. — Por vezes assustadoramente esquisitos. Este é simplesmente esquisito.

Keegan agitou uma mão e o portão do pátio abriu-se.

— Assim esquisito. De qualquer maneira, cheira bem. Cheira a Irlanda. Verdade, Breen?

— Sim, mas não é.

— Seria esquisito demais se num minuto estivéssemos no nosso apartamento de Filadélfia e no seguinte estivéssemos numa estrada da Irlanda. Tipo, «tira-me daqui, Scotty»<sup>1</sup>.

— Essas são boas histórias. — Keegan abriu a porta com um gesto de mão. — E chegámos. Vais deitar-te naquele divã.

— Deitar é bom. Olha, Breen, ali está a nossa mala. Isto é muito acolhedor. Acolhedor à moda antiga. É agradável. Oh, graças a Deus — disse ele quando o deitaram no sofá.

— Não desmaiei, vê? Também não vomitei. Ainda.

— Vou preparar-te um chá.

Marco abanou a cabeça em direção a Breen.

— Prefiro uma cerveja.

— E quem não preferiria? Vou buscar-te uma. Fica com ele — ordenou Keegan. — Seca-o e tranquiliza-o.

— Ele devia beber o chá, aquele que me deste quando atravessei.

— O que se mete no chá pode meter-se na cerveja.

— Drogas, certo? — perguntou Marco quando Keegan se afastou a passos largos. — Porque ele deu-nos drogas com fartura para estarmos juntos neste sonho esquisito.

— Não, Marco. Isto é real.

Breen estendeu uma mão em direção ao fogo que ardia lentamente na

---

<sup>1</sup> Alusão à série televisiva *Star Trek*. (N. de T.)

lareira e as chamas alçaram-se e crepitaram. Acendeu as velas em torno da sala do lugar onde estava, ajoelhada ao lado do sofá.

Deslizou as mãos pelos flancos de Marco para lhe secar a roupa e depois passou-as sobre as suas tranças para lhe secar o cabelo.

— Aposto que isto é um sonho disparatado.

— Sabes que é real. Porque é que saltaste comigo, Marco? Porque é que te agarraste a mim e saltaste?

— Não ia deixar que te atirasses sem mim para dentro de um buraco de luz qualquer na porra da nossa sala de estar. E estavas muito transtornada. Tinhas estado a chorar. Tu... — Olhou para o teto. — Estou a ouvir alguma coisa. Há mais alguém na casa.

— O Harken, irmão do Keegan, vive aqui. É agricultor. Esta é a quinta deles. Era do meu pai. Eu nasci nesta casa.

O olhar de Marco regressou ao dela.

— Isso foi o que ele te disse, mas...

— Foi a minha avó quem me disse e é a verdade. Tenho-me lembrado de coisas que havia esquecido. E explicarei tudo, prometo, mas...

Breen calou-se quando Harken e Morena desceram a escada... com roupas obviamente vestidas à pressa, já que a blusa de Morena estava do avesso.

— Bem-vinda a casa! — Com os cabelos cor de girassol soltos e emaranhados, Morena desceu apressadamente para se ajoelhar ao lado de Breen e a envolver num forte abraço. — Estamos tão felizes por te ver. — Sorriu abertamente para Marco com alegria nos seus olhos azuis. — E trouxeste um amigo. Então este é que é o Marco? A minha avó disse que eras jeitoso, e ela nunca se engana. — Apertou-lhe a mão. — A minha avó é a Finola McGill. Sou a Morena.

— Muito bem.

— Eu sou o Harken Byrne e és bem-vindo a esta casa. Foi uma travessia difícil, verdade? Vamos tratar de ti.

— Tenho tudo sob controlo. — Keegan entrou com uma caneca.

Marco olhou para um e para o outro. Eram irmãos, seguramente; a semelhança era evidente nas maçãs do rosto vincadas, na forma da boca.

— É cerveja? — perguntou Harken. — Bem, desde que te tenhas lembrado de...

— É uma poção básica, Harken. Consigo tratar do básico tão bem como qualquer outro.

— Poção? — Marco começou a levantar-se e a sua pele escura ficou um tanto acinzentada. — Recuso-me a tomar poções.

— É uma espécie de remédio — garantiu-lhe Breen. — Far-te-á sentir melhor.

— Breen, estes três podem ter muito boa pinta, mas podem estar a arrastar-te para alguma seita. Ou...

— Confia em mim. — Breen levantou a mão para agarrar na caneca de Keegan. — Sempre confiámos um no outro. Sei que é difícil acreditares nisto tudo, ou até compreenderes, mas de toda a gente que conheço, és quem terá mais facilidade em fazê-lo. Já acreditas em multiversos.

— Talvez tu sejas um extraterrestre e não a minha Breen de verdade.

— Um extraterrestre saberia que cantámos em dueto a Lady Gaga enquanto fazias uma tatuagem de uma harpa irlandesa em Galway? Vá, bebe um golinho. Ou teria ela empacotado a caneca da rã cor-de-rosa que me fizesse quando éramos miúdos?

— Trouxeste-a? — Marco bebeu um gole quando ela lhe aproximou a caneca da boca. — Isto deixou-me mesmo à nora.

— Conheço a sensação. Bebe mais um bocadinho.

Depois de beber, Marco olhou para os três que o observavam.

— Então... vocês são uma espécie de bruxos.

— Eu não. — Morena sorriu e abriu as suas asas violeta de pontas prateadas. — Eu sou uma fada. A Breen também é um bocadinho *sidhe*, mas não o suficiente para ter asas. Quando éramos pequenas, ela desejava tê-las. — Sentou-se na borda do sofá. — Nós éramos muito amigas, como irmãs, quando éramos pequenas. Sei que há muito tempo és muito amigo dela, como um irmão, do outro lado.

Breen sentou-se sobre os calcanhares e deixou Morena prosseguir com uma voz alegre e olhos compreensivos.

— Ela teve saudades tuas o verão todo, mas, mais do que isso, pesava-lhe na consciência o facto de não contar ao seu melhor amigo tudo o que se estava a passar. Agora, como bom amigo que és, ficarás com ela, para a apoiar e defender. Como todos nós.

— Muito bem — disse Harken em voz baixa, e pousou uma mão no ombro de Morena. — Sentir-te-ás melhor depois da poção e também com fome. Uma viagem destas exaure uma pessoa.

— Eu diria que essa parte é comum a todos nós. Não chegámos através da Árvore de Boas-Vindas — disse-lhe Keegan. — Tive de criar um portal temporário e, ainda por cima, só o concebi para dois.

— Bem, então devem estar esfomeados. Sobrou estufado suficiente do jantar para vos tapar os buracos. Vou aquecê-lo.

— Aqui toda a gente é assim tão bonita? — perguntou Marco.

Morena deu-lhe um leve soco no braço.

— És um brincalhão. Bem, eu não tenho jeito nenhum para a cozinha, mas vou ajudar o Harken como puder com a comida. Presumo que passem cá o resto da noite. Há espaço suficiente.

— Não quero que o Marco volte a atravessar tão cedo, por isso não poderíamos ficar esta noite na casa de campo. E preferia não acordar a Nana e o Sedic. — Breen olhou para Keegan. — Agradecia-vos se pudéssemos pernoitar aqui.

— São bem-vindos, evidentemente. Já te sentes melhor, Marco?

— Sim, de facto. Sinto-me bem. Melhor do que bem. Obrigado. — Sentou-se e olhou para a caneca de sobrolho franzido. — O que está aqui dentro?

— O que precisavas. Termina essa cerveja, irmão, e depois a Breen leva-te até à cozinha para comeres. O Harken é bom cozinheiro, portanto não passarás fome.

Quando Keegan os deixou, Marco olhou para a sua cerveja.

— Tu e eu precisamos de ter uma longa conversa, miúda.

— Eu sei, e teremos. Está tudo explicado na *pen* que te dei. Fui escrevendo à medida que as coisas aconteciam, desde o dia em que encontrei a Morena com o seu falcão em Dromoland.

— Ela é a miúda do falcão?

— Sim.

— Certo, empresta-me o teu portátil para eu ler o que escreveste. Depois podemos conversar.

— O portátil não funciona aqui. Em Talamh não há tecnologia.

Por um momento, Marco, um adorador de tecnologia, limitou-se a fitá-la.

— Estás a gozar comigo. Vocês conseguem viajar pelo multiverso, acender velas do outro lado da sala e criar asas, mas não têm *wi-fi*?

— É verdade. Explicar-te-ei tudo. Prometo. Amanhã atravessaremos de volta para a casa de campo; a nossa casinha na baía. E poderás ler e ligar ao Sally. Vais precisar de um par de noites de descanso. Diremos simplesmente... diremos que decidiste regressar à Irlanda comigo por uns dias, até eu voltar a instalar-me. Não podes contar-lhe nada disto, Marco.

Os olhos dele encheram-se de medo.

— Temos de atravessar outra vez um daqueles portais?

— Sim, mas será mais fácil. Prometo. Anda, precisas de comer e de dormir um bocado. Amanhã... trataremos de tudo o resto.

— Quanto mais há?

— Muito. — Breen acariciou-lhe o rosto e a barba cuidada. — Muito mais.

— Tu estavas com medo de regressar. Eu percebi isso. Se isto é tudo magia e asas de fada, porque é que estavas com medo? — Olhou para onde Keegan e os demais tinham ido. — Não era medo de nenhum deles. Também consegui perceber isso.

— Não, não é de nenhum deles. É uma longa história, Marco. Por hoje, digamos apenas que existe um mau da fita.

— Quão mau?

— Do pior que há. Seria parva se não sentisse medo, mas estou mais forte do que era. E vou ficar ainda mais forte.

Ele deu-lhe a mão quando se levantou.

— Sempre foste mais forte do que *tu* pensavas. Se este lugar te ajudou a ver isso, já ganhou uns pontos.

— Este lugar, estas pessoas e outras que quero que conheças antes de voltares para casa. — Apertou-lhe a mão. — Agora vamos comer, porque estou a sentir o cheiro daquele estufado e estou morta de fome.

Marco esqueceu o assunto, sobretudo porque não conseguia encaixar mais nada na cabeça de uma só vez. Embora não esperasse dormir depois de comer, adormeceu assim que se deitou na cama que Keegan lhe indicou.

O galo acordou-o, o que lhe pareceu bastante estranho. Para além disso, acordou num quarto que não era o seu, com um fogo brando na lareira, a pálida luz do sol a entrar através das cortinas rendadas das janelas e a inquietante constatação de que nada da noite anterior havia sido um sonho.

Marco queria Breen, café e um longo duche quente, e não sabia onde encontrar nenhuma das três coisas.

Levantou-se, e o Marco picuinhas viu que tinha dormido vestido. Talvez um dos irmãos lindos de morrer pudesse emprestar-lhe algo para vestir depois do duche.

Olhou para o seu relógio — que o informava a respeito do seu sono e dos seus passos, para além das horas — e franziu o sobrolho ao ver o ecrã apagado.

Saiu sorrateiramente do quarto — sabia lá que horas eram — e desceu a escada em bicos de pés.

Ouviu vozes femininas e seguiu-as até à cozinha que vira na noite anterior.

Sentadas a uma pequena mesa de trabalho, que servia também de espaço de refeições, estavam Breen e Morena.

Breen levantou-se de imediato.

— Estás acordado. Pensei que dormirias mais tempo.

— Havia um galo. Creio eu.

— Bem, isto é uma quinta. Senta-te, vou buscar-te um chá.

— Café, Breen. A minha vida por um café.

— Ah. Bem...

Ele limitou-se a tapar os olhos com as mãos.

— Não me digas uma coisa dessas.

— A mistura de chá é bastante forte. Quase como café. Tens fome?

— Preciso muito de um duche.

Breen dirigiu-lhe de novo um olhar pesaroso.

— Ah. Bem...

Marco sentou-se então e apoiou a cabeça nas mãos.

— Como é que alguém consegue sobreviver um dia aqui sem café e sem duche?

— Temos casa de banho — disse-lhe Morena. — E umas tinas jeitosas.

— O Marco não gosta de banhos de imersão.

— É que a pessoa fica sentada na porcaria que acabou de tirar do corpo.

— Tens uma certa razão — decidiu Morena. — Posso fazer-te um duche lá fora.

— Podes?

— As fadas estão conectadas com os elementos. Se quiseres uma chuva de água quente, posso providenciar. Lá fora, evidentemente.

— Claro, evidentemente. Lá fora. — Marco agarrou na caneca que Breen lhe estendeu e engoliu o chá de um trago. Pestanejou. — Acho que acabou de se me derreter o esmalte dos dentes. Há alguma hipótese de me emprestarem roupa limpa?

— És menos encorpado do que o Harken, mas posso arranjar-te uma camisa e umas calças. Vamos lá procurar um lugar para o teu duche. — Morena abriu um armário e tirou um pedaço de sabão castanho. — Gosto das tuas tranças — disse ela enquanto abria a porta das traseiras. — Não teria paciência para fazer tantas. Penso que poderá ser do outro lado do pequeno silo. É bastante privado.

— Agradeço-te.

— O amigo do meu amigo é meu amigo também. É melhor fazê-lo sobre a erva para não acabares com os pés na lama. Bem. — Morena apoiou as mãos nas ancas. — A que temperatura queres?

— Bem quente. Quer dizer, não a escaldar, mas bem quente.

— Então, quente será — disse ela, e entregou-lhe o sabão.

De calças e botas, e a blusa já do lado correto, Morena levantou as mãos de palmas para cima. E curvou os dedos no ar como se estivesse a atrair alguma coisa para si.

Uma chuva fina, leve como uma pluma, começou a cair. Ela continuou a atrair a chuva, que se tornou mais forte numa área não superior a meio metro quadrado.

Marco sabia que estava de boca aberta, mas não conseguia fechá-la.

— Podes testar com a mão, se quiseres, para ver se está suficientemente quente para ti.

Marco estendeu a mão e, assombrado, sentiu a água quente.

— Sim, está boa. Isto é... incrível. Céus, não sei como lidar com tudo isto.

— Acho que estás a sair-te muitíssimo bem. — Morena recuou. — Vou buscar-te roupa e uma toalha.

— Obrigado. Hum... Como é que a desligo?

— Evoquei-a para quinze minutos. Portanto é melhor começares.

Depois de ela se afastar, Marco desperdiçou quase mais um minuto a contemplar o duche mágico antes de se despir para desfrutar da sua felicidade.

Depois de vestir a roupa que, a seu ver, era rural chique, e de comer uma torrada com ovo estrelado, sentia-se quase normal.

— Sei que precisamos de conversar, — começou Breen, — e de ir para a casa de campo, mas antes preciso de ver a minha avó. Preciso de a ver e quero ir buscar o *Trapalhão*.

— Quero conhecer esse cão e, sim, a tua avozinha.

— Ela não mora longe. É uma caminhada agradável.

— Tudo bem. Estou a tentar adaptar-me a isto. — Saiu com ela. — Parece a Irlanda. Eles falam como os irlandeses. Tens a certeza de que não é...

— Não é. Tentaste usar o telemóvel, não tentaste?

Marco esfregou um dos bolsos das calças emprestadas.

— Sim. Nada. E, sim, tomei um duche feérico há cerca de uma hora. O melhor duche da minha vida. Não me parece real.

— Eu sei.

— Quer dizer, está ali a baía, mas não é a baía em que estivemos na Irlanda. E estou a ver ali montanhas, mas não são as mesmas. Flores por todo o lado, montes de ovelhas e vacas. Cavalos. Cavalos na quinta. Aprendeste a montar num desses?

— Sim. — Breen decidiu não mostrar a zona da quinta onde aprendera

a manejar (mal) uma espada sob a implacável orientação de Keegan. — Aqui tens de saber montar. Não há carros.

— Não há carros.

— Não há tecnologia, não há máquinas. Eles escolheram a magia.

— Não há torradeira — recordou ele. — Torra-se o pão em cima de uma grelha no fogão a lenha. A água vem do poço... ou de uma fada. Lidaste bem com isto tudo?

— Tinha a casa do outro lado para trabalhar. Mas existem formas de escrever aqui... formas mágicas. E é um lugar puro, Marco. Tranquilo e vivo. Acho que me apaixonei.

— Memória sensorial, lembras-te? Disseste que tinhas nascido aqui. São os manos *sexy* que estão ali naquele campo?

— Os manos *sexy*? Ah... — Ela riu-se e entrelaçou o braço no dele. — Sim. O Harken é agricultor até ao tutano. O Keegan é mais um soldado, mas adora a quinta e trabalha nela quando pode. Tem muitas responsabilidades enquanto *taoiseach*.

— Enquanto o quê?

— Significa líder. Ele é o líder de Talamh, dos feéricos.

— Tipo, rei Keegan?

— Não, não é assim.

Breen deu-se conta do quão estranho era explicar-lhe coisas que só aprendera, ou recordara, poucos meses antes.

— Aqui não há reis, não há governantes. Ele lidera. Foi escolhido e escolhido. É uma longa tradição de raízes na sabedoria popular. Há um lago — começou ela, mas Marco agarrou-a.

— C'um caraças, Breen. Corre. Esconde-te naquela floresta.

— O que... Ah, não, não faz mal. É o dragão do Keegan.

— É que porra?

— Respira. Eles têm dragões... mas não são como os devoradores de princesas virgens de algumas histórias. Eu já montei aquele.

Ele manteve o braço firme em torno dela.

— Tu não fizeste isso, caraças.

— Fiz, sim, e foi glorioso. Eles são leais; criam uma ligação com alguém e são leais. E são lindos. O meu pai teve um.

— Talvez precise de me sentar. Não quero parecer um covarde, miúda, mas os meus joelhos estão a ceder outra vez.

Antes que ele caísse ali mesmo na estrada, ouviu-se um latido alegre. *Trapalhão*, com a poupa e a barbicha a oscilar, correu direito a Breen.

— Estás aqui! Estás aqui. — Com uma gargalhada, Breen desequilibrou-se para trás quando ele saltou para cima dela, todo bamboleante, desde a poupa até à cauda fina como um chicote. — Oh, estás maior. Conquistaste-me. Também tive saudades tuas. Tive tantas saudades tuas!

Breen agachou-se com ele na estrada para beijos, abraços e festas.

— Este é o *Trapalhão*.

— Calculei. Credo, ele é meio arroxeadado, como disseste. Talvez devesse ter-lhe chamado Hendrix, em homenagem ao tema «Purple haze». És muito giro, cachorrinho! Muito giro mesmo.

Dragão esquecido, Marco agachou-se. *Trapalhão* recompensou-o com lambidelas e bamboleios.

— Ele gosta de mim!

— É o cão mais meigo do mundo. A Nana sabe que estou aqui. Ele sabe, portanto ela também sabe. Anda. Vamos ver a Nana.

*Trapalhão* adiantou-se alguns metros, esperou, correu para a frente e para trás.

— Isto é um cão feliz. Bem, a tua avó é o quê agora?

— É uma sábia. Uma bruxa, com um pouco de *sidhe*. Em tempos foi *taoiseach*.

— Então isso tem prazo limitado.

— Não, ela abdicou e foi substituída por outro. E depois seguiu-se o meu pai. Agora é o Keegan. Depois explico.

— E o teu avô?

— Ele não está aqui e queremos que assim continue. É ele o mau da fita.

Breen agarrou na mão de Marco e virou para a estrada que conduzia à casa de Mairghread.

— Tenho muitas coisas para te contar.

— Estão, de facto, a amontoar-se.

— Ela deixou-me ir, embora isso a fizesse sofrer. Depois de o meu pai morrer, ela começou a mandar o dinheiro que a minha mãe me escondeu. E por motivos que depois explicarei... mas posso já adiantar-te um: porque sabia que eu era infeliz... arranjou maneira de eu o descobrir. A partir daí, as escolhas passaram a ser minhas. Deixei o ensino e vim para a Irlanda. E fez-me a casinha de campo e enviou-me o *Trapalhão*. Ele conduziu-me até aqui.

» Ela ama-me como eu recordava vagamente que o meu pai me amava. Como tu e o Sally e o Derrick me amam. Por quem sou. E ela abriu o meu mundo.

— Então acho que também a vou amar.

As flores abundavam, perfumando o ar com o cheiro a outono. A casa de pedra robusta debaixo do seu telhado de colmo tinha a porta azul-viva escancarada.

Mairghread apareceu, envergando um dos seus longos vestidos verde-floresta. Usava os cabelos ruivos presos no cimo da cabeça. E com os brumosos olhos azuis humedecidos pelas lágrimas, levou uma mão ao coração.

— És muito parecida com ela — murmurou Marco. — E ela não parece ser avó de ninguém.

— Eu sei. Nana!

Marg estendeu os braços quando Breen correu para eles.

— *Mo stór*. Bem-vinda a casa. Bem-vinda. Minha doce menina. Estás bem. — Levantou o rosto de Breen entre as mãos. — Consigo senti-lo e vê-lo também. O meu coração está cheio. — Abraçou de novo a neta e sorriu para Marco por cima do ombro de Breen. — E és o Marco, não és?

— Sim, senhora.

— És bem-vindo aqui, sempre. — Estendeu uma mão para segurar na dele. — A minha porta está sempre aberta para ti. Fizeste uma viagem singular.

Segurou na mão dele por mais um instante enquanto lhe estudava o rosto: os profundos olhos escuros, a barbicha cuidada, o sorriso ansioso.

— És um bom amigo da minha Breen Siobhan e também um bom homem. Consigo vê-lo e agradeço aos deuses por isso. Entrem e sentem-se.

Conduziu-os através da sala de estar, com o seu fogo brando e sofá repleto de bonitas almofadas de renda irlandesa, até à cozinha.

— As cozinhas são para a família. Beberemos chá, e não é que o Sedic fez biscoitos de limão esta manhã?

— Onde está ele?

— Oh, por aí — disse Marg a Breen.

— Não, eu trato do chá, Nana. A senhora fica com o Marco.

— Muito bem. — Marg sentou-se à pequena mesa quadrada e deu uma pancadinha no tampo para que Marco se sentasse com ela. — E és músico.

— Tento ser. — Marco via Breen na avó, e também o pai de Breen; um homem de quem havia gostado muito. — Pago a renda trabalhando num bar.

— No Sally's. A Breen contou-me tudo acerca do Sally, do Derrick e do seu negócio. O Sedic diz que é um lugar bastante divertido.

— Ele esteve lá?

— O homem de cabelo grisalho que tu pensavas que era fruto da minha

imaginação — disse Breen enquanto tirava folhas de chá de um dos frascos de uma prateleira.

— Oh. Desculpa por isso.

— Nós estávamos preocupados com a Breen, entendes? Mais ainda nos últimos dois anos. Arrastava-se para a escola, quando sentia que não tinha talento para ensinar.

— E não tinha. — Breen encheu o bule azul com água da chaleira de cobre que estava em cima do fogão e depois pressionou-o com as mãos para infundir as folhas.

— É verdade, mas eras na mesma boa professora e muito melhor do que pensavas. Sabes, isto era uma preocupação — disse Marg a Marco. — Ela tinha muito pouca autoestima, esperava muito pouco da vida.

A semelhança entre as duas já tinha servido para quebrar o gelo. As palavras de Marg derreteram-no.

— Está a pregar ao coro.

Marg riu-se e inclinou-se para diante como se estivesse a partilhar segredos.

— Cobria os seus bonitos cabelos de castanho para não ser tão notada e usava roupas muito desenxabidas para esconder aquele corpo jeitoso.

— Ámen.

Marg riu-se de novo enquanto Breen revirava os olhos.

— Gostariam de ficar a sós?

Marco ignorou-a enquanto ela pousava o bule na mesa e voltava atrás para ir buscar pratos e chávenas brancos.

— A mãe levava-a a ser assim. A Sra. Kelly sempre foi boa para mim, mas...

— Não me ouvirás falar mal dela. Mãe é mãe, e ela e o Eian conceberam a Breen com amor verdadeiro.

— Eu adorava-o. Quero dizer que lamento muito a sua partida. Ele deu-me música, ensinou-me. Ofereceu-me uma guitarra quando fiz nove anos e mudou o meu mundo.

— Ele falava de ti.

— Verdade?

— Ah, sim, frequentemente. Também te conheci em menino através do meu filho. Ele dizia-me que tinhas um talento enorme, que eras brilhante. E que não podia desejar melhor amigo para a sua filha. Ele adorava-te, Marco.

Quando os olhos dele se encheram de lágrimas, Marg segurou-lhe na mão.

— A Breen levar-te-á ao local onde ele repousa enquanto aqui estiveres. É um lugar sagrado. Sei que a tua visita não foi planeada, mas, para ser franca, estou muito contente com a tua vinda. Estou muito feliz em conhecer o melhor amigo da Breen do outro lado.

— Não consigo habituar-me a isso.

— Bem, é muito para assimilar, não é?

— Aconteceu tudo muito depressa e eu não tive tempo para lhe contar tudo. — Breen pousou os biscoitos e começou a servir o chá. — Iremos para a casa de campo, se não se importa.

— Ora, claro. É tua, não é? A Finola está neste momento a abastecer-ta. E ela está ansiosa por rever o belo Marco.

Ele corou ligeiramente.

— Ela não precisava de se incomodar. Nós podíamos ir à aldeia comprar provisões. Credo, temos de trocar dinheiro, Breen. Não sei quanto trouxe.

— Não precisas de nenhum em Talamh. — Breen sentou-se e tirou um biscoito. — Aqui não usam dinheiro.

— Então como é que compram as coisas?

— Negociamos e fazemos troca de géneros — disse Marg enquanto bebia o chá. — E temos muito gosto em preparar-vos a Casa dos Feéricos.

— A Breen disse que o pai dela e depois a senhora lhe enviavam dinheiro.

— É verdade. Existem formas de arranjar dinheiro. Os *trolls* mineram, e temos também artesãos e assim. Temos gente no outro lado, noutros mundos, que compra e vende.

— Minha senhora, isso mudou a vida dela. Não só o dinheiro, mas saber que o pai olhava por ela. Que podia usar o dinheiro para deixar de fazer o que não gostava e tentar fazer o que gostava. — Marco baixou os olhos em direção a *Trapalhão*, que comia alegremente o biscoito que Breen lhe havia dado. — O livro que ela escreveu sobre este rapaz é simplesmente maravilhoso. Chegou a lê-lo?

— Sim. Tão alegre e divertido, como o cão que lhe dá o nome.

— Ela está a escrever outro, para adultos. Não me deixa lê-lo.

— Nem a mim.

— Está longe de estar concluído — intercedeu Breen. — Continuo a achar que devia ir dar uma volta e deixar-vos a sós.

— Temos muita coisa para pôr em dia, não temos, Marco?

— Sim, senhora.

— Ora, trata-me por Marg, como a maioria das pessoas. Ou, visto que és um irmão para a minha menina, podes tratar-me por Nana.

Enquanto ela falava, a porta das traseiras abriu-se e Marco viu, pela primeira vez, o homem de cabelos grisalhos.

Breen levantou-se de um salto para o abraçar e Marco reconheceu surpresa e satisfação no rosto do homem.

— Bem-vinda a casa, Breen Siobhan. E bem-vindo tu também, Marco Olsen.

— O senhor é mesmo real. Desculpe, não acreditava que fosse.

— Bem, não serias o primeiro.

— Sente-se. Não, sente-se — insistiu Breen. — Vou buscar a cadeira da escritaninha ao meu quarto. Ainda existe?

— Existirá sempre — garantiu-lhe Marg.

Breen foi buscar outra chávena e outro prato.

— Quando regressiei a Filadélfia e confrontei a minha mãe... Foi duro.

— Eu sei, querida — disse Marco.

— Fiz uma longa caminhada depois de deixar a casa dela, para tentar acalmar-me. Ela escondeu-me tudo: a minha herança, os meus dons. Fechou-me numa redoma. Sei que o fez por medo de que me acontecesse alguma coisa — acrescentou ela antes que Marg pudesse falar. — Mas quando me sentei, finalmente, na paragem de autocarro, o Sedric estava lá. Ele estava lá porque eu precisava de alguém. Não esquecerei isso. E não esquecerei o que o Keegan me disse: que ela também tem medo de mim. Medo do que sou, do que tenho. E penso que um dia conseguirei perdoá-la por causa disso.

— Vou buscar outra cadeira.

Quando ela saiu, Marg suspirou.

— O coração dela ficará mais leve quando ela conseguir perdoar. — Agarrou no bule e serviu o chá a Sedric. — Bem, Marco, atravessaste sem tempo de trazer o que te poderia fazer falta durante a tua estada. Só precisas de fazer uma lista para o Sedric, que ele irá buscar o que quiseres.

— Pode fazer isso?

— Posso, e fá-lo-ei com todo o gosto.

— Porque é um... bruxo? Feiticeiro?

— Um pouquinho. Sou um transmorfo.

A mão de Marco paralisou a caminho de um biscoito de limão.

— É um lobisomem?

— De todo, embora conheça vários... que não ficam sequiosos de carne e sangue quando há lua cheia, garanto-te. Eu transformo-me em gato.

— Como um leão?

Marg riu à socapa e acenou com uma mão.

— Vá lá, Sedric, mostra ao rapaz.

Sedric encolheu os ombros e sorriu. E transformou-se num gato.

Debaixo da mesa, *Trapalhão* abanou a cauda com alegria.

— Oh! — exclamou Breen ao entrar com a cadeira, enquanto Marco esbugalhava os olhos. — Nunca o tinha visto transformar-se. É tão natural.

O gato transformou-se num homem, que pegou no seu chá.

— Somos um; o homem e o espírito animal. Para viajar entre mundos, conto com a ajuda do sangue de bruxa da minha linhagem. Diz-me do que precisas, que eu trago.

Marco levantou um dedo.

— Mais logo vamos beber uns bons copos.

— Temos um vinho muito bom — começou Marg.

— Obrigado, mas, mesmo com tudo isto, ainda é um pouco cedo para mim. Mas, mais logo, vou querer uns bons copos. E quanto ao que vou precisar, acho que depende. A Breen estava com medo de regressar. Estava muito determinada, mas com medo. Houve umas coisas que o Keegan disse... foi tudo muito rápido e confuso... mas ele disse algo sobre libertá-la do seu dever, da sua promessa.

— Disse? — perguntou Marg.

— Sim, e a Breen disse-me que há um mau da fita e que depois me explica tudo. Mas eu não sei do que irei precisar enquanto não souber por que motivo ele quer fazer mal à Breen.

— Tu não lhe falaste de Odran?

— Nana, eu não sabia que ele ia saltar daquela maneira para dentro do portal e... como pode imaginar... ele estava muito abalado e nauseado. Tenho tudo escrito e quero que o Marco leia, e vou contar-lhe tudo.

— Mas isto é algo que ele deve saber já e, cedo ou não, um golinho de vinho não faz mal a ninguém.

Sedric deu uma palmadinha no ombro de Marg.

— Eu trato disso.



## CAPÍTULO DOIS



— Quando eu era nova, — começou Marg, — mais nova do que tu, tirei a espada e o bastão do lago e tornei-me *taoiseach*. Odran veio à Capital e eu vi somente o que ele desejava que eu visse: uma pessoa atraente e amável, encantadora e romântica. E assim me apaixonei por aquela ilusão, e casámo-nos.

Marg falou do regresso de ambos à quinta da família no vale, dos meses que ele a havia enganado e à sua família, do nascimento do filho e da felicidade que sentira com ele.

E da noite em que acordara de um sono induzido por drogas e descobrira o objetivo de Odran: sugar o poder do filho durante a noite para aumentar o seu. Falou da guerra que se seguira contra o deus obscuro, os seus demónios e os seus escravos, e tudo o que viera depois até ao rapto de Breen, que ainda era pequena.

Marco deu graças pelo vinho.

— Mas a Breen é mais do que o pai, certo? Ela tem a mãe. Também é humana.

— És sagaz, Marco. A nossa Breen é a ponte entre os reinos dos feéricos, dos humanos e dos deuses. Ela conseguiu libertar-se da jaula de vidro, uma menina de apenas três anos, por causa de tudo o que é. Mais do que Odran pensava. Creio que mais do que ele ainda pensa. Então o Eian, enquanto *taoiseach*, liderou a batalha... a Batalha do Castelo Negro... e destruiu a fortaleza de Odran, voltou a bloquear todo e qualquer portal com acesso ao seu mundo, fez tudo o que podia ser feito.

— A mãe queria que ele escolhesse entre nós duas e Talamh — acrescentou Breen. — Como podia ele fazê-lo? Mas ele deu a quinta aos O'Broin... a família do Keegan. O pai deles morreu durante a batalha para me proteger. Eles eram os melhores amigos. Ele tocava nos Feitiçaria... a banda que vimos na fotografia que o Tom Sweeney nos deu no *pub* em Doolin.

— Era nosso destino entrar naquele *pub*. — Marco bebeu mais vinho. — É bastante evidente que era nosso destino encontrar o Tom e ouvir como os teus pais se conheceram.

— Eles amavam-se. Acho que sempre se amaram. E por a amar, eles foram para Filadélfia e ele tentou ser o que ela queria e o que o seu povo precisava que fosse.

— Todos aqueles concertos que ele tinha fora não eram concertos. Ele vinha para cá?

— Sim, e ela sabia, claro, e isso fez aumentar o seu ressentimento. Ela divorciou-se dele e creio que lhe terá dito o que me disse quando eu a procurei para lhe dizer que tinha conhecimento de tudo. A «aberração»... era o que ela me chamava e aos meus dons, na verdade... não era permitida em sua casa.

Marco estendeu a mão para apertar a dela.

— Ela acreditava que estava a proteger-me, convenceu-se disso... mas, lá no fundo, protegia-se a si mesma. O mundo como ela precisava de o ver.

— Lamento, Breen. — Marco apertou-lhe a mão com força.

— Eu também.

— Ela está errada. Está errada desde o início. Por isso também lamento por ela. «Aberração», uma merda. Desculpe — disse ele imediatamente a Marg.

— Não precisas de pedir desculpa. Eu concordo.

— Tu és uma maravilha, essa é a verdade. Sempre pensei isso, só nunca imaginei que fosses... tu sabes, uma deusa bruxa. — Olhou de novo para Marg. — Como morreu o Eian? Se destruíram a fortaleza do tal Odran e bloquearam os portais, como é que ele continua a ser uma ameaça para a Breen?

— Não apenas para a Breen, mas ela é a chave. Odran matou o meu filho. Com tempo, os seus poderes e a ajuda da magia negra de uma bruxa que se pôs do seu lado, ele voltou a entrar em guerra com Talamh. Creio que se tratou de uma artimanha para atrair o Eian e o assassinar. Para matar o filho que se recusava a vergar-se à vontade do seu pai.

— E agora ele quer a Breen. Bem, com todo o respeito, e lamento que tenham de travar estas guerras com um deus alucinado, parece-me que o melhor lugar para a Breen estar é em casa. Onde ele não consegue alcançá-la. Não estou a concordar com a tua mãe. Tu precisas de ser quem és e de fazer o que gostas, mas, miúda, não és nenhuma princesa guerreira.

— Tenho estado a treinar para isso, não para ser uma princesa, todo o verão. Com uma espada.

Ele deu-lhe um empurrão no ombro.

— Estás a gozar.

— Eu consigo defender-me. E nenhum lugar é seguro, Marco. Nem para mim, nem para ninguém.

— Ele voltará — disse Marg. — Haverá outra batalha. Mais sangue, mais morte. Enfrentá-lo-emos até ao nosso último suspiro. Mas se ele nos derrotar, se ele conquistar e destruir Talamh, o teu mundo seguir-se-á. E ele continuará a matar e a queimar até destruir todos os outros. Os seus poderes aumentarão, bem como a sua sede de mais.

— Está a dizer que ele destruirá a Terra e tudo o resto?

— O nosso mundo, o teu mundo, todos os mundos. Cada mundo que destrói aumenta o seu poder. Se entendo a necessidade da Jennifer em encarcerar a Breen? Entendo. Mas aquilo em que nunca acreditaria e nunca aceitaria é que a Breen é a chave da fechadura. Ela não pode ser fechada numa redoma. Com o tempo, ele acabará por encontrá-la... ou ao seu filho, se o tiver. Um deus tem todo o tempo do mundo.

— Quero ter filhos um dia. Mas, Marco, nunca poderia arriscar uma coisa dessas sabendo o que sei.

— Céus, Breen.

— Tem de parar comigo. Este é o meu povo. Sei como isso soa, mas...

— Soa-me bem.

— Eles lutarão. Mas precisam de mim.

Ele anuiu com a cabeça e respirou fundo.

— Eu vi a *Mulher Maravilha*, sei como é.

— Quatro vezes. Viste esse filme quatro vezes.

Ele levantou cinco dedos.

— É preciso um deus para matar outro deus. É assim que funciona, certo?

— A filha do filho é a ponte entre os mundos. — Breen sentiu que as palavras, os pensamentos e a verdade fluíam simplesmente através de si. — A ponte conduz à luz ou à escuridão. O seu caminho é triplo. Despertar, revelação, escolha.

— O que foi isso? Uma espécie de profecia? Agora também fazes isso? — perguntou Marco passado um segundo.

— Às vezes. Continuo a ser eu, Marco.

— Quem disse que não eras? Muito bem, isso dá-me uma ideia melhor daquilo que vou precisar. Se não se importar — disse ele a Sedric.

— É um prazer.

— É muita coisa, visto que ninguém sabe quanto tempo irei ficar aqui.

Não me irei embora enquanto não mandarmos aquele cretino de volta para o inferno.

— Marco...

— Eu também faço as minhas escolhas, miúda, e é esta a minha decisão.

— Não tens quaisquer poderes. Não imaginas o que Odran é capaz de fazer.

— Já tenho uma boa noção e isso apavora-me. Mas vou ficar. — Espetou o dedo indicador de cada mão. — É isto, e é tudo. Se começares a chatear-me por causa disto, pedirei à Nana que me deixe ficar aqui. Olha-me nos olhos, Breen. Olha-me nos olhos e diz-me que se estivesses no meu lugar voltarias simplesmente para Filadélfia e me deixarias aqui.

— Se te acontecesse alguma coisa...

— O sentimento é mútuo. Então está decidido. Acho que preciso que me emprestem alguma coisa para anotar a lista.

Breen não discutiu com ele; sabia que não valia a pena. Mas tinha esperança de conseguir debelar gradualmente a sua determinação em ficar no decurso dos dias seguintes. Mais do que qualquer outra pessoa que conhecia, Marco era uma criatura que gostava da vida urbana e de todas as suas conveniências.

Quanto mais tempo passasse em Talamh, sem tecnologia, sem as comodidades básicas, mais... manobrável ficaria. Especialmente se conseguisse convencê-lo de que poderia fazer algo do outro lado para ajudar.

Naquele momento, não lhe ocorria uma única coisa.

No caminho de volta à quinta, ela indicou-lhe um par de dragões, com os seus cavaleiros, deslizando pelos céus.

— Aqueles são patrulheiros.

— Certo, então... hum, os dragões podem ser de todas as cores. E as pessoas? Existe aqui alguém da minha raça?

— Sim, e com os teus gostos. Aqui, amor é amor.

— É bom saber. Neste momento não estou à procura de romance, mas é bom saber que as pessoas daqui têm a mente aberta.

— E o coração. Mas, tal como em qualquer parte, há alguns que os não têm. Eles tinham uma seita religiosa... os devotos. Não começaram assim, mas tornaram-se... obscuros, por assim dizer. E houve feéricos que seguiram esse caminho. Marco, quero salientar que, se ficares e quiseres ir a algum lugar, terás de aprender a montar. Um cavalo.

— Achas que não sou capaz? — Marco enganchou os polegares no cós e começou a andar todo emproado. — Posso tentar ser *cowboy*. Se tu conseguires aprender a manejar uma espada, eu também consigo fazer isto.

— Sou péssima com a espada.

— Ora...

— Pergunta ao Keegan. Ele treinou-me e seria o primeiro a dizê-lo.

Marco envolveu-lhe os ombros com um braço enquanto *Trapalhão* os acompanhava alegremente.

— Vais voltar a aninhar-te com esse belo exemplar?

— Também não estou interessada em romance neste momento. E duvido de que ele esteja. Há algo no ar.

— Estás a ficar toda... — Marco agitou as mãos.

— Estou toda... — Breen imitou o gesto. — Consigo sentir alguma coisa... a pressionar. Ele quer entrar. Ainda não consegue, mas está perto de conseguir. — Sacudiu a sensação. — Mas ainda não. Vamos buscar as minhas coisas e seguimos para a casa de campo. Acho que será mais fácil se leres o que eu escrevi acerca de tudo isto. Depois, se tiveres perguntas, eu responderei.

— Está bem, então caminhamos simplesmente até à Irlanda? Passamos por outro daqueles túneis de vento?

— Não será assim. Não tão drástico.

*Trapalhão* soltou latidos de alegria e desatou a correr. Transpôs agilmente o muro de pedra e seguiu disparado em direção às duas crianças e ao enorme cão-lobo que os guardava.

— Aqueles são o Finian e o Kavan. E a mulher na horta é a irmã do Keegan e do Harken. A Aisling, mãe dos meninos.

— Então por aqui *são* todos bonitos.

Passaram pelo portão. Com os seus cabelos escuros apanhados, Aisling limpou as mãos às calças e pousou uma sobre a protuberante barriga antes de se encaminhar para eles.

— Bem-vinda, Breen Siobhan. Bem-vinda. Voltaste, como prometeste. Nunca deveria ter duvidado de ti. — Envolveu Breen num abraço. — Peço desculpa por isso.

— Não tens de pedir desculpa. Sei o quão preocupada estavas e porquê. Este é o Marco.

— Já soube. Contaram-me que tiveste uma chegada atribulada a Talamh. Estás melhor?

— Estou bem, obrigado. E é um prazer conhecer-te.

— Igualmente. Querem um chá? O *Mab* cuida dos rapazes enquanto estivermos lá dentro.

— Acabámos de vir da casa da Nana, onde tomámos chá... e vinho. Só

preciso de ir buscar as minhas coisas para nos podermos instalar na Casa dos Feéricos.

— Oh, já foram enviadas para lá. A Morena tratou disso, e a tua bonita roupa foi lavada, Marco.

— Obrigado. Esta foi-me emprestada pelo teu irmão, o Harken.

— Não te preocupes. Ele tem mais.

O menino mais velho, Finian, aproximou-se a correr, com o irmão mais novo tentando seguir-lhe os passos.

— Estou quase a fazer anos — anunciou Finian. — Estarás aqui no meu aniversário.

— No Samhain. — Breen agachou-se. — Eu lembro-me. Farás três anos.

— Diz olá e dá as boas-vindas ao amigo da Breen, Fin. Este é o Marco.

O menino baixou a cabeça.

— Olá e bem-vindo.

— Este é um bocadinho tímido com pessoas desconhecidas. Mas, — continuou Aisling enquanto Kavan chegava junto deles e tentava de imediato trepar as pernas de Marco, — esse não é nem um bocadinho.

Marco pegou-o ao colo.

— E quem é este?

— É o nosso Kavan — disse Aisling enquanto o menino balbuciava para Marco. — Que não sabe o que é um desconhecido.

Kavan agarrou nas tranças de Marco e sorriu.

— Gosto!

— Eu também.

Depois, o menino lançou-se para o colo de Breen e começou a balbuciar-lhe.

— Quando é que nasce? — perguntou Marco.

— Por volta do Imbolc. Início de fevereiro — explicou Aisling perante o olhar perplexo de Marco. — Acho que já passei de metade. Espero que desta vez seja uma menina, pois, como vês, já tenho duas pestinhas.

— Tive saudades das tuas pestinhas — disse Breen, e encostou o nariz ao rosto de Kavan antes de o pousar no chão. — Voltaremos amanhã. Vou trabalhar com a Nana, como antes de me ter ido embora. E agradecia que disseses ao Keegan que treinarei, se ele quiser.

— Decerto que sim. Ele e o Mahon... que é o meu marido, — disse a Marco, — estarão de volta ao nascer da lua. Venham visitar-me sempre que puderem, são ambos bem-vindos. Venham, meninos. Prometemos ou não ao Harken que cuidaríamos da horta? Benditos sejam — disse ela enquanto se afastava com os filhos.

— Iguualmente! — gritou Breen. — Anda, *Trapalhão*. — Apontou quando atravessavam de novo o portão. — O portal fica naquela árvore. Ou o portal é a árvore. Não sei bem.

Marco olhou para o outro lado da estrada de terra batida, viu outro muro de pedra baixo, um pasto com ovelhas e uma colina.

A árvore, com mais de seis metros de largura, alçava-se de um monte de pedras. Os seus ramos grossos curvavam-se para baixo e alguns tocavam o chão antes de voltarem a curvar-se para cima. As folhas que Breen recordava serem de um verde-vivo todo o verão tinham uma leve camada carmesim.

— Que espécie de árvore é aquela?

— É a Árvore de Boas-Vindas, o principal portal entre Talamh e a Irlanda.

Levou-o até lá. *Trapalhão* correu à frente deles e subiu apressadamente os sete degraus de pedra da colina. Empoleirado num ramo, parou e latiu como que a dizer para se despacharem.

— Certo. Se eu desmaiar, podes ir buscar-me outra vez a cerveja, ou o que quer que tinha dentro.

— Pois posso, mas não vais precisar disso. Sentirás a mudança — disse-lhe ela enquanto ele a seguia degraus acima. — E haverá algum vento... mas não como o outro. Uma mudança na luz, somente um clarão. E pronto, estaremos do outro lado. Não te espantes se lá estiver a chover. Nunca se sabe.

— Não creio que volte a espantar-me seja com o que for. Nunca mais.

Um pouco acima dele, Breen estendeu-lhe a mão. Sentia a sua ansiedade, mas nada que se comparasse à sua lealdade.

— Dá-me a mão. Vai, *Trapalhão*. Nós já te seguimos. Sobe para o ramo. Pode dar-te a impressão de que vais cair, mas...

Surgiu um clarão, a brisa repentina agitou-lhe os cabelos.

— Não cairás. Vês?

— Já atravessámos? Senti uma reviravolta no estômago, mas... Tens a certeza de que atravessámos?

— Sim. Só tens de descer.

— Tenho os joelhos um bocadinho bambos — admitiu ele. — Mas não me sinto exausto como da outra vez. E não está a chover.

— Sorte a nossa, não nos molharemos. Temos cerca de um quilómetro e meio de caminhada até à casa.

— Parece basicamente igual.

— Pois parece, mas não é. Na noite passada não tiveste oportunidade de ver, porque estava a chover e tu estavas muito abalado, mas Talamh tem duas luas.

— Duas?

— Uma cresce quando a outra diminui.

— Isso é tão fixe! Quero ver. Mas, Breen, fica sabendo que percorri esta floresta toda quando aqui estive e nunca vi aquela árvore. Como é possível alguém não ver aquela árvore? É enorme e cresce da pedra. Ou há pedra a crescer dela.

— Não era para a veres. Olha para o teu relógio.

Ele olhou e soltou uma fraca gargalhada.

— E esta? Está a funcionar perfeitamente. — Sacou o telemóvel das calças emprestadas. — O telemóvel também está a funcionar.

— Primeiro o Sally — disse-lhe Breen. — O melhor é dizeres-lhe que decidiste voltar comigo e que apanhámos o avião na noite passada. Vais ficar uns dias e...

— Não sei quanto tempo ficarei, e é isso que direi. Desiste, Breen, vais ter de me aturar. Vai correr tudo bem. Vamos conseguir sair desta juntos. E vou aprender a montar a cavalo. Arre!

— Não é tão fácil como pensas. O meu rabo ficou cheio de nódoas negras durante dias. E odeio-me por estar contente por estares aqui.

— Podes parar com isso. Diz-me, no meio de tudo o que escreveste, há alguma coisa referente a sexo com o bonito-mor?

— Eu... droga. Escuta...

— Demasiado tarde. Disseste que eu podia ler tudo. E pode ser que neste momento não vos apeteça aninharem-se um no outro, mas eu vi como ele olhou para ti.

— Como se eu fosse mais uma pedra no seu sapato?

— Não. Como eu espero que um dia alguém olhe para mim. — O coração romântico de Marco soltou um pequeno suspiro. — Ele nem sequer tentou devolver-me o soco que lhe dei quando pensei que ele te tinha magoado. Ele poderia ter varrido o chão comigo, mas não o fez. Que diabo, provavelmente poderia ter-me transformado num kumquat ou algo assim. Mas não o fez.

— Ele respeita a lealdade e a amizade.

— O Sally disse que ele tinha classe.

— Acho que tem.

— Já me lembro deste trilho. Filho da mãe! Se seguirmos por ali vamos dar à aldeia. A baía fica ali. Eh, estava ali, ali mesmo. Lugar errado. Isto é... sabes o quê? Isto é espetacular. — Cheirou o ar. — Sentes isto? Acho que me cheira à baía. E... a fumo.

— Acenderam-nos as lareiras. — Breen apontou quando o arvoredo começou a ficar menos denso. — Vês?

A pequena casa de campo tinha fumo a sair das chaminés do seu telhado de colmo. Os jardins que Seamus a havia ensinado a cuidar estavam tão coloridos como sempre. E os vasos de flores que ele lhe ensinara a plantar continuavam viçosos.

— É a tua casa, Breen. Foi o que disse a tua avó, e ela fê-la para ti. Percebo isso agora mais do que nunca. Também eu adorei estar aqui.

— Eu sei. — Ela olhou para o cão, que se remexia com impaciência. — Vai lá.

*Trapalhão* quase deu um salto antes de atravessar a correr a erva verde e descer a encosta até à praia de rocha xistosa para se lançar à água.

— Cão do mar — disse Marco com uma gargalhada. — Ele é o máximo.

— Vamos entrar. Estou acostumada a beber chá ali... e, meu Deus, tens de experimentar a limonada da Finola. É mágica. Mas espero sinceramente que se tenham lembrado de comprar *Coca-Cola*.

Era como regressar a casa, pensou Breen enquanto tirava a *Coca-Cola* do frigorífico. Enquanto bebia os primeiros goles, perscrutou a sua bonita cozinha — o pão acabado de fazer embrulhado num pano branco em cima do balcão cor de ardósia, a tigela de cerâmica repleta de fruta fresca, as flores frescas no amplo parapeito da janela.

Praticamente igual a como a havia visto da primeira vez, meses antes. Praticamente igual a como a deixara.

— Vou preparar uma massa para o nosso jantar — anunciou Marco enquanto investigava a cozinha. — Olha para estes tomates. São de primeira qualidade! — Viu as horas no seu relógio e fez as contas. — Esperarei cerca de uma hora antes de ligar ao Sally. Se eles tiverem ficado a dormir até mais tarde, prefiro que tomem primeiro o café antes de lhes contar que dei de frosques.

— Parece-me bem. Vou preparar o quarto aqui de baixo para trabalhar. — Breen encaminhou-se para o quarto que dava para o jardim. — Esquece. Já fizeram isso por mim. — Passou uma mão pelo portátil que já estava em cima da sua pequena escrivaninha, reparou que o tapete de ioga, que não se lembrara de levar, estava cuidadosamente enrolado e encostado ao canto. — O Sedric já cá esteve — disse a Marco.

— O quê? Como?

— Vais acabar por te acostumar a isso. — Voltou atrás para abrir a porta a *Trapalhão*, que entrou e se dirigiu aos pulinhos até junto da lareira da sala

de estar e, depois das suas habituais três voltinhas, se deitou com um suspiro canino de satisfação.

— Achas que as minhas coisas estão lá em cima no quarto que usei da outra vez?

— Vamos descobrir. Quero desfazer a mala e depois vou escrever um bocado. Também devia atualizar o blogue com um texto sobre o regresso à casa de campo. E tu podes instalar-te onde quiseres para ler.

Atravessaram a sala de estar, com o seu sofá verde-floresta, velas, cristais, flores e vistas para a água azul.

O fogo rechinava e crepitava na lareira.

Atravessaram o vestíbulo, subiram as escadas — com o cão apressadamente no seu encaço — e, quando chegaram ao topo, Breen virou para o quarto de Marco.

A sua guitarra estava no suporte, e a harpa, fora do estojo, reluzia sobre uma mesa ao lado do teclado.

Como ele estava ocupado a olhar atentamente para tudo, Breen abriu uma gaveta.

— Camisolas de lã, camisas.

Ele abriu o guarda-roupa.

— Eles arrumaram tudo.

— É uma forma de dar as boas-vindas. Aposto que os teus casacos e o teu equipamento para a chuva, bem como os meus, estão no armário do vestíbulo.

— Achas mesmo que vou acabar por me acostumar a isto?

— Espero que sim. — Breen sentiu um pequeno aperto no coração. — Isto sou eu.

— Vou sempre amar quem tu és. — Marco aproximou-se da mesa e passou os dedos pelas cordas da harpa. — Quero aprender a tocar isto. É o melhor presente que já recebi.

— Eu recordo-me um bocadinho do que o meu pai me ensinou. Posso mostrar-te, e sei que depois conseguirás perfeitamente continuar sozinho.

— Certo. Está bem. — Ele percorreu o quarto que conhecia, contemplou a vista que recordava. — Talvez tenhamos uma noite musical depois do jantar. Pode ser que cozinhar e fazer música me ajudem a acostumar-me a isto. Vou descer e começar a preparar o molho, para que possa ferver lentamente até ao seu estado divinal. Depois ligarei ao Sally. — Estendeu uma mão para acariciar os caracóis vermelho-vivos da amiga. — Faz o que tens a fazer, Breen.

Breen desceu para fazer o que tinha a fazer, com *Trapalhão* enrolado na cama atrás dela. Primeiro trataria do blogue, decidiu; um texto breve. E só o publicaria depois de Marco falar com Sally.

*Como começar?*, perguntou-se. Não podia escrever — não no blogue — sobre o *taoiseach* de Talamh, nem sobre Marco ter atravessado o portal com ela.

Ficou simplesmente sentada por um momento, a assimilar o facto de que estava de volta, realmente de volta. Havia desfrutado da solidão naquela casa durante o verão e de ter dado por si a viver sozinha pela primeira vez na vida.

Mas agora, ali sentada, a ouvir Marco na cozinha, a cantar enquanto fazia o que tinha de fazer com os tais tomates de primeira qualidade, apercebia-se de que a presença do amigo era como uma manta quente numa manhã fria.

Simple conforto; como o cão que dormitava atrás de si, ou saber que, do outro lado das portas do jardim, as flores desabrochavam.

Então escreveu sobre o seu regresso à Irlanda. Pela primeira vez no blogue, escreveu sobre o encontro com a avó e a notícia da morte do pai. E como a tristeza que essa notícia lhe trouxera era contrabalançada pela alegria de ter encontrado família e amigos.

Como o facto de os ter encontrado a ajudara a encontrar-se.

Satisfeita, pôs isso de lado e abriu-se para a história.

Mergulhou nela e deixou que a envolvesse.